

Novos caminhos – grandes desafios

Em outubro próximo, será realizado o Sínodo sobre a Amazônia, com o tema “*Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral*”. Este evento reflete bem a ênfase dada pelo Papa Francisco quando afirma que a Amazônia é pulmão do planeta, repleto de biodiversidade, cuja importância é capital para o mundo e para o futuro da humanidade (cf. LS 38). De fato, não há realidade alguma verdadeiramente humana que não seja objeto do interesse dos discípulos de Cristo (cf. LG 1). Assim sendo, nos voltamos para aquela região que é tão rica em diversidade: tanto a flora e a fauna, quanto a própria diversidade humana. Como nos lembra o texto preparatório ao Sínodo, a bacia amazônica representa cerca de 30 a 50% da flora e da fauna do mundo, além de ser 20% da reserva de água doce não congelada de todo o planeta². Sua diversidade se manifesta também nas culturas que compõem este espaço, que perpassa nove países e cerca de 400 diferentes povos indígenas da América do Sul.

Neste cenário de dimensões épicas, desponta, na mesma proporção, uma necessidade humana inigualável, de caráter tanto material quanto espiritual. A igreja é chamada – como sempre – a ser protagonista do anúncio cristão exatamente lá, onde as condições são mais difíceis e a complexidade das inter-relações é mais complexa. Como nos lembra o Papa Francisco, “*todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*” (EG 20).

Tudo está interligado

Também é Francisco que afirma que “*nunca é demais insistir que tudo está interligado. [...] Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade*”

¹ Cardeal Arcebispo da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

² Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, 2018.

(LS 138). Por isso, não podemos nos limitar a uma análise superficial de um tema como este, tão relevante e complexo, privilegiando somente alguns aspectos em detrimento de outros. É preciso “sair da própria comodidade” também neste sentido, procurando compreender a que atitudes somos chamados diante daquela realidade que a nós se impõe. De fato,

não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (LS 138).

É bem verdade, que no mundo globalizado em que vivemos, muitos problemas relacionados aos aspectos socioculturais que naquela região se apresentam, estão disseminados também pelo resto do mundo. Cumpre-nos, porém, identificar as particularidades e diferentes matizes para endereçarmos corretamente as respostas que o contexto necessita.

O Sínodo, por isso, irá refletir com profundidade os mais diversos aspectos envolvidos, cabendo, porém, às Igrejas particulares e a todos os fiéis, colocarmos em prática os frutos deste trabalho.

Caridade e Política

No âmbito da ação dos fiéis encontra-se também o aspecto político, meio para a viabilização das adequações necessárias. Não se trata especificamente da política partidária, mas sim da política na sua forma mais nobre, definida pelos princípios que norteiam nosso modo de ser e viver no mundo, dando origem aos conceitos e práticas que adotamos. Como nos lembra o Concílio,

a missão própria confiada por Cristo à sua Igreja, não é de ordem política, económica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas desta mesma missão religiosa deriva um encargo, uma luz e uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a lei divina.” (GS 42). Assim sendo, como afirma Bento XVI, “Querer o bem comum e trabalhar por ele é exigência de justiça e de caridade. [...] Todo o cristão é chamado a esta caridade, conforme a sua vocação e segundo as possibilidades que tem de incidência na pólis. Este é o caminho institucional — podemos mesmo dizer político — da caridade” (CV, 7).

É fundamental, portanto, que existam políticos para os quais o bem comum seja o mais importante. Que, por outro lado, também, a

sociedade civil participe e se organize de forma a sustentar e apoiar as iniciativas de transformação necessárias. De fato, “*é previsível que sejam reforçadas as novas formas de participação na política nacional e internacional que se realizam através da ação das organizações operantes na sociedade civil; nesta linha, é desejável que cresçam uma atenção e uma participação mais sentidas na res publica por parte dos cidadãos*” (CV 24).

Um aspecto importante da Doutrina Social da Igreja, reforçado pelo Papa Francisco, é o “*princípio da subsidiariedade, que dá liberdade para o desenvolvimento das capacidades presentes a todos os níveis, mas simultaneamente exige mais responsabilidade pelo bem comum a quem tem mais poder*” (LS 196).

Por fim, cumpre observar um aspecto que não pode ser subestimado e para o qual Francisco, mais uma vez chama a atenção:

Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspectivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos. E porque não acudirem a Deus pedindo-Lhe que inspire os seus planos? Estou convencido de que, a partir duma abertura à transcendência, poder-se-ia formar uma nova mentalidade política e económica que ajudaria a superar a dicotomia absoluta entre a economia e o bem comum social. (EG 205)

500 Anos de Evangelização

Mas,

quando o empenho pelo bem comum é animado pela caridade, tem uma valência superior à do empenho simplesmente secular e político. [...] A ação do homem sobre a terra, quando é inspirada e sustentada pela caridade, contribui para a edificação daquela cidade universal de Deus que é a meta para onde caminha a história da família humana (CV 7).

Assim sendo, a região amazônica, como todo o continente, registra nos últimos 500 anos da sua história, o anúncio transformador da presença de Cristo junto aos seres humanos. Seria injusto ou ao menos improdutivo, desconsiderar todo o trabalho e a experiência de inúmeros pastores, religiosos e leigos, que dedicaram suas vidas de forma até mesmo heroica para anunciar a Boa Nova naquela região.

Como nos alerta o Documento de Aparecida, “nossos povos não querem andar pelas sombras da morte. Têm sede de vida e felicidade em Cristo. Buscam-no como fonte de vida” (DAp 350). Na verdade, a Igreja reafirma que todos os desequilíbrios que observamos estão sempre radicados na própria fragilidade do coração humano (cf. GS 10) mas, uma vez que “a luz dos povos é Cristo” (LG 1), a Igreja, mantendo seu mandato apostólico de levar a verdade e a salvação até os confins da terra, é impelida pelo Espírito Santo a cooperar para que o desígnio de Deus se realize totalmente (cf LG 17).

Mais do que nunca, porém, este anúncio faz-se necessário na região amazônica. A “imposição de culturas artificiais, desprezando as culturas locais e com tendências a impor uma cultura homogeneizada” (DAp 46) afeta as relações humanas, numa tendência individualista pernicioso. Esta “mundanização” a que observamos “resulta em prejuízo da dignidade de todos, especialmente daqueles que são mais pobres e vulneráveis” (DAp 47).

Sendo que “é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida” (GS 4), temos que estar atentos a esta “mudança de época” que atravessamos (cf. EG 52), para que possamos, de fato, sermos o reflexo fiel da luz de Cristo também hoje (cf. NMI 16).

Um Encontro extraordinário

Para refletirmos a luz de Cristo precisamos estar disponíveis a contemplarmos e mantermos fixo o olhar no rosto do Senhor (cf. NMI 16). Devemos sempre lembrar que ao “início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1). Por isso, é só a partir deste encontro pessoal com o Senhor que teremos o ímpeto e a alegria de testemunhá-lo a todos aqueles que aguardam ansiosamente pelo Seu abraço misericordioso (cf. EG 3).

É preciso que o fato cristão seja atraente a todos, o que só é possível deixando que o batismo frutifique em nossas vidas, num caminho de santidade (cf. GE 15). Não podemos, por este motivo, nos

permitir cair na armadilha de um ativismo, onde simplesmente prevaleça o esforço da vontade humana (cf. GE 48), ou ainda num subjetivismo que reduza o Acontecimento Cristão a determinado modelo mental, aprisionando-o e sufocando-o (cf. GE 40).

Todos ficaram saciados

Sempre que falamos da Amazônia temos em mente grandezas extraordinárias: grandes dimensões e distâncias, grande complexidade nos ecossistemas e grandes diversidades socioculturais. Com isso tudo, pode parecer que a missão confiada a nós pelo Senhor também é grande demais. Podemos ficar perplexos como os Apóstolos ao ouvirmos o apelo de Jesus: “Vós mesmos dai-lhes de comer” (Mc 6, 37). Também só temos “cinco pães e dois peixes”! “Mas que é isso para tanta gente?” (Jo 6, 9). Mas o Senhor sempre surpreende. Ele é o verdadeiro protagonista da história! Toma para si as nossas pequenas medidas, com todas as nossas limitações, e transforma a realidade. É preciso, no entanto, que, não nos deixando vacilar, ofereçamos aquele pouco que temos e o restante Ele fará: “Todos comeram e ficaram saciados” (Mc 6, 42).

Portanto, é com otimismo que devemos nos voltar para essa grande missão que nos é proposta. A esta extraordinária oportunidade que nos é oferecida. Por isso, faço minhas as palavras de São João Paulo II:

Sigamos em frente, com esperança! Diante da Igreja abre-se [...] um vasto oceano onde aventurar-se com a ajuda de Cristo. O Filho de Deus, que encarnou há dois mil anos por amor do homem, continua também hoje em ação: devemos possuir um olhar perspicaz para a contemplar, e sobretudo um coração grande para nos tornarmos instrumentos dela (NMI 58).

“Ide para águas mais profundas”!

Siglas e Abreviações

CV Caritas in Veritate, Carta Encíclica do Papa Bento XVI sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade, 29/06/2009.

Dap Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 2007.

DCE Deus caritas est, Carta encíclica do Papa Bento XVI, 25/12/2005.

EG Evangelii gaudium, Exortação Apostólica do Papa Francisco, 24/11/2013.

GE Gaudete et Exsultate, Exortação Apostólica do Papa Francisco, 19/03/2018.

GS Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo de hoje **Gaudium et Spes**, 07/12/1965.

LG Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja **Lumen Gentium**, 21/11/1964.

LS Laudato Si', Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da Casa Comum, 24/05/2015.

NMI Novo Millennio Ineunte, Carta apostólica do Papa São João Paulo II, 06/01/2001.

Duas questões sobre o texto:

1. Qual a importância de recuperarmos os registros dos 500 anos de evangelização na Amazônia?

2. O que significa “dar de comer” neste contexto?